

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"Julio de Mesquita Filho"
Instituto de Artes - Campus São Paulo

MILLENA ALMEIDA SILVA

ENTRE(LAÇOS) DA MEMÓRIA:
**Fotografia e ressignificações de arquivos pessoais na arte
educação**

São Paulo
2023

MILLENA ALMEIDA SILVA

ENTRE(LAÇOS) DA MEMÓRIA:

**Fotografia e ressignificações de arquivos pessoais na arte
educação**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Instituto de Artes da
Universidade Estadual Paulista (Unesp),
como requisito parcial para obtenção do
título de Licenciada em Artes Visuais.

Orientadora: Profa Dra Rita Luciana Berti
Brendariolli

São Paulo
2023

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e
Documentação do Instituto de Artes da Unesp. Dados fornecidos pelo
autor.

S586e Silva, Millena Almeida, 1998-
Entre(laços) da Memória: Fotografia e ressignificações de arquivos pessoais na arte
educação / Millena Almeida Silva. -- São Paulo, 2023.
29 f. : il. color.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rita Luciana Berti Bredariolli
Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Artes Visuais) – Universidade
Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes.

1. Narrativas pessoais. 2. Negras. 3. Fotografia. . Arte e educação. I. Bredariolli, Rita
Luciana Berti. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. III. Título.

CDD 770.1

Bibliotecária responsável: Mariana Borges Gasparino - CRB/8 7762

MILLENA ALMEIDA SILVA

ENTRE(LAÇOS) DA MEMÓRIA:
Fotografia e ressignificações de arquivos pessoais na arte
educação

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Instituto de Artes da
Universidade Estadual Paulista (Unesp),
como requisito parcial para obtenção do
título de Licenciada em Artes Visuais.

Trabalho de conclusão de curso aprovado em 08/12/2023.

Banca Examinadora

Profa. Dra. Rita Luciana Berti Bredariolli - Orientadora
Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho"

Profa. Beatriz Abade das Neves
Mestranda- Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho"

AGRADECIMENTOS

Reverencio meus ancestrais e expresso minha profunda gratidão àqueles que vieram antes de mim. Agradeço sinceramente a todas as pessoas que tornaram este trabalho possível. Em especial, meu pai, Raimundo, e minha mãe, Maria das Graças, cujos ensinamentos foram fundamentais para que eu pudesse enfrentar os desafios que surgiram em minha jornada. Agradeço imensamente à minha orientadora, Rita, que orientou esta pesquisa quando me vi confusa durante o processo.

Reconheço a potência dos encontros, lembrando que a vida se constrói coletivamente. Por isso, não posso deixar de expressar minha gratidão a todas as pessoas - crianças, jovens e adultos - com quem tive o privilégio de compartilhar experiências através da educação. Aos meus alunos, alunas e alunes sem vocês, este trabalho não seria possível. Logo, meu sincero e imenso obrigado. Sou eternamente grata por todos os afetos construídos ao longo desse percurso.

RESUMO

O presente trabalho tem como intenção explorar a influência de imagens fotográficas na construção da identidade individual e coletiva, destacando seu papel na arte-educação. Partindo da premissa de que a imagem fotográfica é um dispositivo rico em memória e com potencial simbólico, este estudo investiga seu impacto na formação da identidade pessoal e cultural. A pesquisa se concentra na interseção entre imagem, memória e educação, considerando a arte como uma ferramenta essencial na reflexão sobre o passado, no desenvolvimento da identidade e na expressão artística. Examinando o uso da fotografia como instrumento pedagógico na arte-educação, evidenciando sua capacidade de promover reflexões sobre o eu, o outro e a sociedade.

Palavras-chave: fotografia; memória; arte-educação; identidade; histórias de vidas.

ABSTRACT

The present work aims to explore the influence of photographic images in the construction of individual and collective identity, highlighting its role in art education. Starting from the exposure that the photographic image is a device rich in memory and with symbolic potential, this study investigates its impact on the formation of personal and cultural identity. The research focuses on the intersection in between image, memory and education, considering art as an essential tool in reflecting on the past, developing identity and artistic expression. Examining the use of photography as a pedagogical tool in art education, highlighting its ability to promote reflections on the self, on other and society.

Keywords: photography; memory; art education; identity; life stories.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 – Retrato de família: Maria das Graças e irmãos quando criança.....	12
Imagem 2- Formação Histórias de Vida e outras narrativas para imaginar a arte educação.....	22
Imagem 3- Capa e primeira folha do Livro de Memórias do PIÁ.....	24
Imagem 4- Roda de conversa com crianças do PIÁ.....	25

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PIÁ- Programa de Iniciação Artística
SMC- Secretaria Municipal de Cultura
EMEF – Escola Municipal de Ensino Fundamental
CEU– Centro Educacional Unificado
CCA – Centro para Crianças e Adolescentes

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 LUGARES DE CHEGADA.....	12
2.1 Por que recordar imagens em processos educativos?.....	14
2.2 Relato de uma artista educadora.....	17
2.3 Contando histórias através de imagens: Da perspectiva das infâncias do PIÁ - Programa de Iniciação Artística.....	21
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
REFERÊNCIAS	29

1 INTRODUÇÃO

A interseção entre imagem e arte-educação oferece um terreno fértil para explorar a profundidade e a amplitude do potencial educativo das expressões visuais. No contexto contemporâneo, o papel da imagem transcende as fronteiras físicas e digitais, moldando não apenas nossa percepção estética, mas também a compreensão do mundo ao nosso redor. Por isso, este estudo busca mergulhar nas complexidades intrínsecas à relação entre imagem e arte-educação, explorando os fundamentos, a importância e as implicações dessa conexão multifacetada, a partir da relação com imagens afetivas, possibilitando revelar a potencialidade das histórias de vida em processos pedagógicos desenvolvidas no contexto da educação não formal.

A compreensão da imagem dentro do âmbito educacional tem sido um ponto de interesse crescente, principalmente devido ao seu impacto na forma como aprendemos, nos comunicamos e interpretamos informações. No contexto da arte-educação, a imagem desempenha um papel central na promoção da criatividade, na ampliação das perspectivas culturais e na expressão individual. A partir dessa percepção, a interpretação das imagens é potencializada pela bagagem de experiências individuais que carregamos ao longo da vida. Portanto, compõem os repertórios que moldam o nosso olhar enquanto pessoa espectadora do mundo. Tocante a isso, em uma sociedade capitalista que descende de estruturas coloniais desde sua formação, a imagem tem sido uma ferramenta utilizada pelas matrizes de dominação para controlar através dos imaginários reverberados pela imagem, servindo para a manutenção de padrões que se relacionam com as opressões de gênero, classe e raça do qual se estendem historicamente até os dias atuais.

Visto isso, aproximar crianças e jovens estudantes de narrativas que valorizem suas identidades é um desafio, porém se faz necessário diante de um cenário educacional que repercute epistemologias ocidentais em seus currículos. Para contemplar uma educação pautada na emancipação dos sujeitos, é relevante destacar a abordagem contra-hegemônica da narrativa oficial, dando espaço para vivências culturalmente diversas com o objetivo de valorizar e aproximar a realidade dos estudantes com os assuntos abordados em sala de aula.

A educação não formal realizada em museus e programas da Secretaria Municipal de Cultura (SMC) na cidade de São Paulo, mostra-se um suplemento curricular do ensino formal, especialmente no campo artístico. É nesse meio que se torna possível articular outras conexões com a arte e a imagem, além da proposta de exercer uma educação social.

Diante disso, este trabalho é um relato das experiências pedagógicas desenvolvidas enquanto fui artista educadora no Programa de Iniciação Artística (PIÁ) da SMC, no bairro do Capão Redondo, na periferia da Zona Sul de São Paulo. Descrevo, portanto, a metodologia utilizada para a construção de um livro de memórias com as turmas que atendi durante o Programa, no qual imagens pessoais e fotografias de lembranças de nossos encontros foram o ponto de partida para o desenvolvimento da proposta.

Com isso, propõe-se examinar a relevância dessas imagens na arte-educação, não só como uma ferramenta de expressão artística, mas também como um meio fundamental para o reconhecimento de identidades e de histórias de vida por parte dos estudantes. Partindo da necessidade de compreender as influências de imagens afetivas e acervos pessoais em nosso contexto social, enquanto nos apropriamos delas em processos artísticos pedagógicos. Com o intuito de promover o resgate de narrativas outras, fomentando o fortalecimento das identidades e a compreensão intercultural utilizando a memória como objeto de estudo. Portanto, pretende-se investigar como a integração de fotografias afetivas no ensino de arte pode enriquecer o processo de ensino-aprendizagem das infâncias.

Após esta introdução, o capítulo será dividido em três tópicos no qual primeiramente irei abordar os fundamentos que embasam a relação entre imagem e memória na arte-educação a partir de processos artísticos com a imagem. O segundo tópico visa descrever experiências como artista educadora e as dinâmicas sociais presentes nos contextos de ensino que vivenciei durante a minha formação em licenciatura que contribuíram para as reflexões em torno da temática abordada. Apresentando as perspectivas repercutidas pelas imagens no cenário atual e como isso tem influenciado a construção de identidade dos jovens de hoje.

A temática discutida nos tópicos anteriores é a base para desenvolvimento da proposta didática apresentada no terceiro e último tópico. A atividade descrita teve como objetivo criar um Livro de Memórias do Piá 2023, utilizando materiais diversos enquanto as crianças se apropriaram de suas imagens afetivas dos acervos pessoais familiares incorporados no processo. Por fim, a conclusão apresentará uma síntese dos principais pontos discutidos e apontará para possíveis direções futuras de pesquisa.

2 LUGARES DE CHEGADA

Imagem 1- Retrato de família. Maria das Graças e seus irmãos quando criança. Bahia, 1972.



Fonte: Acervo Pessoal.

Na fotografia estão minha mãe Maria das Graças e meus tios, Ubiratan, Ubirajara e Júlio.

Lugares de chegada é um título que trata de lugares possíveis para os desdobramentos articulados pela leitura de imagens e apropriação de fotografias afetivas na arte-educação. Escrevo a partir das minhas experiências em contextos educacionais distintos para refletir acerca da importância da leitura de imagens, que de modo geral, é essencial para percepção das relações e do ambiente que nos cerca. A partir disso, tenho como ponto de partida o estudo desenvolvido para o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) na habilitação de bacharel, para referenciar de onde partem os anseios dos processos desenvolvidos durante as investigações para a conclusão dessa pesquisa em licenciatura em artes visuais.

Para isso, o Ponto de Partida é a referencial dado no volume I ¹ dessa pesquisa, no qual discorro sobre a necessidade de me apropriar de fotografias do acervo pessoal de minha família para compreender os estigmas tocantes a construção da identidade negra. Partindo de referenciais não-hegemônicos, procuro delinear uma narrativa contundente a partir da oralidade e de retratos de pessoas que nunca conheci, mas que diretamente fizeram parte da minha história e encontram seus fragmentos de existência na memória.

Os anseios que contribuíram para enxergar a influência dos arquivos pessoais no reconhecimento da minha identidade de mulher negra, contribuíram para adotar a prática de aprofundar a leitura de imagens no campo da arte-educação. Pensando nisso, nesse capítulo discorro sobre a necessidade de ir além das imagens impostas pela narrativa oficial, trazendo outras possibilidades ademais das que já são estabelecidas no contexto da arte-educação, para a ampliação dos pensamentos relacionados à história de povos culturalmente subalternizados.

Os rumos dados para essas reflexões, servirão para compreender os processos descritos ao longo dessa escrita que também é uma *escrevivência*² de uma arte-educadora. Baseado nisso, os tópicos seguintes delineiam a construção de uma metodologia que parte da reflexão de histórias de vida e da memória para reinventar o modo como nos relacionamos com as imagens, partindo do olhar das infâncias para perceber as possibilidades de se relacionar com a fotografia e com a prática artística.

¹ Retratos da Memória Negra: O papel dos arquivos pessoais e da fotografia na construção de identidades. Universidade Estadual Paulista- Instituto de Artes. São Paulo, 2023.

² *Escrevivência* é um termo cunhado pela escritora brasileira Conceição Evaristo, que mescla "escrita" e "vivência". Essa ideia está ligada à experiência da mulher negra na sociedade, enfatizando a importância de expressar suas vivências por meio da escrita como forma de resistência epistemológica, visto que historicamente as narrativas têm sido dominadas por ideais ocidentais brancos.

2.1 Por que recordar imagens em processos educativos?

O meu interesse por imagens surgiu quando eu ainda era uma criança, seja pelo fato de ter nascido em uma era onde as imagens começam a ser bombardeadas de maneira mais intensa por conta dos avanços da tecnologia, ou por ter crescido cercada de fotografias dos álbuns de família colecionadas por minha mãe.

Nas imagens propagadas pelas mídias nas telenovelas e propagandas que se presentificaram no início dos anos 2000, uma menina negra de pele clara nunca se via representada de maneira que se pudesse admirar os papéis ocupados por pessoas parecidas comigo nos canais de comunicação. Isso quando era possível ver pessoas negras no ambiente televisivo. Na arte estudada na escola também existia a ausência de representações da comunidade negra que não fossem estereotipadas e representadas a partir da perspectiva da branquitude. Até desenvolver um olhar opositor³ acerca dessas imagens do meu entorno, das quais são responsáveis por perpetuar padrões de gênero, raça e classe no imaginário brasileiro, vivenciei o poder dessas imposições na prática, enquanto passava pelo processo de reconhecimento da minha identidade.

Durante esse processo, que se desdobra até o presente momento, as fotografias que integram o álbum de família catalogado por minha mãe exerceram um papel relevante no meu repertório enquanto espectadora das cenas representadas nesses retratos, no qual incluía registros de parentes que não pude conhecer, porém se fizeram presente em minha história de vida através da memória na qual esse arquivo carrega. Pessoas essas, que tiveram seus rostos eternizados na imagem e na narrativa que chega até mim por meio das histórias orais contadas por meus parentes mais velhos.

Este conjunto de fotografias e documentos compilados por minha mãe representa uma tentativa de registrar a memória e a história de uma família composta majoritariamente por pessoas negras, além de ser o testemunho da trajetória de uma mulher negra migrante que reconhecia a necessidade de preservar esses registros como forma de manter viva a memória do passado.

³ Segundo Bell Hooks, o olhar opositor se refere a prática de leitura crítica das imagens propagadas pelo cinema e outras mídias, exercida por mulheres negras enquanto espectadoras ativas da realidade que reflete suas subjetividades.

Partindo dessa reflexão, é imperativa a contribuição dos arquivos pessoais para confrontar os mitos que moldam nossas percepções dos fatos que compõem a narrativa histórica oficial. Os acervos pessoais familiares têm o potencial de recontar histórias de maneira mais precisa, valorizando as experiências que têm sido subestimadas pela subalternização de povos e culturas não ocidentais. Além de possibilitar a análise de vivências específicas para compreender experiências sociais mais amplas, servindo como material a ser incorporado em processos artísticos, bem como em práticas pedagógicas na arte-educação

A importância da imagem no ensino de arte é imprescindível, bem como o desenvolvimento crítico da leitura de imagens em processos de aprendizagem em arte. “Preparando para o entendimento das artes visuais se prepara para o entendimento da imagem quer seja arte ou não” (BARBOSA, 2008, p. 36). Para isso, metodologias que contribuam para alfabetização visual são tão necessárias quanto aprender a ler palavras e números no contexto de ensino formal.

A habilidade de interpretar imagens não se restringe apenas ao ambiente educacional formal. Na verdade, somos constantemente expostos em nosso cotidiano a uma variedade de imagens presentes na cultura popular, mídia digital, redes sociais e interações sociais. Por isso, é significativo o desenvolvimento da alfabetização visual, pois as pessoas estão constantemente consumindo e interagindo com imagens em seu cotidiano. Através da observação, análise e discussões sobre imagens, sejam elas anúncios, *memes*, fotografias ou vídeos, os indivíduos ampliam sua capacidade de decifrar os significados subjacentes e os contextos culturais em que essas imagens estão inseridas.

Acerca disso Ana Mae Barbosa ressalta,

A necessidade de alfabetização visual vem confirmando a importância do papel da Arte na Escola. A leitura do discurso visual, que não se resume apenas à análise de forma, cor, linha, volume, equilíbrio, movimento, ritmo, mas principalmente é centrada na significação que esses atributos, em diferentes contextos, conferem à imagem é um imperativo da contemporaneidade. Os modos de recepção da obra de Arte e da imagem ao ampliarem o significado da própria obra a ela se incorporam. Não se trata mais de perguntar o que o artista quis dizer em sua obra, mas o que a obra nos diz, aqui e agora em nosso contexto e o que disse em outros contextos históricos a outros leitores (Barbosa, 2008, p.18-19)

O leitor, enquanto protagonista desta leitura, tem espaço para utilizar seu repertório de experiências, relacionando valores culturais para induzir a uma interpretação crítica das imagens. Sendo assim, a importância de perspectivas que buscam

a leitura da obra de arte no contexto da educação, partindo da conjuntura social de quem as interpreta, é uma maneira de exercitar nosso olhar para as demais imagens que nos cercam, levando os conhecimentos adquiridos em sala de aula para nosso cotidiano em sociedade.

É por meio desses processos de aprendizagem que é possível aproximar os estudantes de metodologias nas quais seus repertórios sejam valorizados, enquanto suas experiências de vida se tornam relevantes em processos artístico-pedagógicos, mesmo quando elas não se assemelham aos padrões sistemáticos impostos. Reconhecer a complexidade que permeia a experiência desses sujeitos é um imperativo para não reforçar opressões e para o fortalecimento de identidades. Valorizar suas próprias narrativas em processos educacionais, através do protagonismo exercido no sentido de ler e se apropriar das imagens integrantes do seu entorno, é uma maneira de aproximar e valorizar suas vivências

Para além das imagens reproduzidas por obras de artes históricas, apropriar-se de fotografias afetivas em processos educativos em arte é uma maneira de reconhecer, primeiramente, a importância de nossas histórias e da memória que envolve essas narrativas. Busca-se traçar diálogos com outras possibilidades de enxergar o passado, contrapondo os arquivos históricos que ditam os mitos fundadores da narrativa oficial.

No tópico seguinte, apresento os desdobramentos dessas reflexões em experiências nos contextos formais e informais de educação que permearam minha trajetória enquanto artista educadora adepta à leitura crítica de imagens. Envolvida nesse processo, exemplifico as alternativas que surgem no caminho a partir da apropriação de fotografias autobiográficas em práticas artísticas.

2.2 Relato de uma artista educadora

Minhas experiências com as imagens e fotografias afetivas no campo artístico, tem influenciado o meu olhar para situações cotidianas percebidas em lugares distintos nos quais frequentei nos últimos anos durante a graduação. É por meio de minha pesquisa imagética e afetiva que tenho pensado metodologias para abordar histórias de vida e valorizar identidades em processos de arte-educação.

Quando desenvolvi um olhar crítico, tornei-me uma observadora ativa dos padrões e comportamentos sociais perpetuados pelas imagens nos lugares onde pude atuar cotidianamente como educadora. Durante diversas experiências em contextos formais e informais de educação, é notável as reincidências das imagens de controle e adaptações dos mecanismos de dominação que atravessam os padrões que são vinculados historicamente aos corpos negros. Numa dessas experiências, passei um curto período como estagiária em uma instituição voltada para a obra de um artista da elite paulistana, que tinha como público-alvo crianças de quatro a dez anos para as atividades educativas. O espaço se localiza em um dos bairros mais caros de São Paulo- SP, e eu era a única funcionária negra que não ocupava um cargo administrativo ou na limpeza. Além de mim, as únicas pessoas negras que acessavam o espaço para participar das atividades educativas eram as babás que acompanhavam as famílias brancas que compunham o público de visitantes.

A experiência descrita serviu para perceber o lugar que meu corpo representava ao ocupar espaços museais. Passei um tempo migrando entre instituições, buscando estabelecer conexões partindo de anseios despertados por processos artísticos contra hegemônicos. As discussões em torno da mediação em espaços culturais é um meio necessário para ampliar os debates estabelecidos no contexto formal, frequentemente é nesses lugares onde torna-se possível apresentar diálogos partindo das temáticas socioculturais abordadas em obras visuais.

No entanto, o acesso de estudantes de escolas públicas a esses locais é limitado por condições sociais. Em um dos museus onde atuei como educadora, a instituição disponibilizava ônibus fretados gratuitos para alunos de escolas públicas vivenciarem as exposições em cartaz. Foi assim que conduzi mais de trezentos estudantes de escolas municipais e estaduais de diversas áreas da cidade em atividades de mediação cultural.

Uma das situações que mais me marcaram foi o olhar de admiração e os elogios que recebia de meninas negras ao me verem em uma instituição cultural ocupando um cargo no setor educacional. Como alguém que sempre usou diferentes estilos de tranças nos cabelos, eu percebia o reconhecimento identitário que emanava da representatividade de corpos negros emancipados ocupando diferentes espaços.

Essas experiências se repetiram em outros locais, na Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) onde realizei meu estágio formal, por exemplo, jovens negras expressavam alegria ao me verem naquele ambiente. Procuravam se aproximar, elogiavam meu cabelo *black power* ou compartilhavam detalhes sobre suas vidas durante nossas conversas. O sentimento de pertencimento era evidente, refletido nas amizades estabelecidas no contexto escolar, onde havia divisões raciais oriundas do reconhecimento identitário.

É notável a influência dos movimentos de empoderamento negro através da estética de reafirmação dessas identidades por meio da moda e do estilo. As meninas negras sempre andavam em grupos, entre elas os traços marcantes de sua negritude se mostravam em seus cabelos cacheados e crespos, nas tranças e penteados. Esse movimento é devido a ressignificação de imagens representativas de pessoas negras que tem acontecido desde o Movimento Black Rio (1976), entre outros movimentos que se arrastaram por décadas até os tempos atuais. Numa luta constante, que de modo intergeracional tem assistido ao desmoronamento das regras e padrões utilizados para controlar sistematicamente corpos negros enquanto busca-se destruir os imaginários racistas enraizados na cultura brasileira.

É necessário ressaltar a importância da imagem nesse processo de reafirmação da identidade estética das comunidades negras. Acerca disso, Beatriz Nascimento afirma que “é preciso a imagem para recuperar a identidade. Tem-se que tornar-se visível. Porque o rosto de um é o reflexo do outro, o corpo de um é o reflexo do outro, e em cada um, o reflexo de todos os corpos⁴” (NASCIMENTO, 1989). Esse trecho exemplifica a relação intrínseca entre imagem, representação e identidade. Explicando o entusiasmo de meninas negras ao encontrar uma mulher negra emancipada dos padrões no lugar de educadora.

Acerca disso, minhas vivências como arte-educadora foram aprofundadas principalmente em lugares onde pude ver o pertencimento como ponto de partida para enxergar os afetos e trajetórias que se fizeram durante práticas pedagógicas no ensino

⁴ Trecho retirado de uma fala de Beatriz Nascimento no documentário *Ôrí*, dirigido por Raquel Gerber.

informal. É nesse contexto, no qual a transformação social evidenciada é mútua quando a possibilidade de mesclar vivências identitárias com processos artísticos-pedagógicos é uma constante para pensar uma educação baseada no protagonismo das/dos indivíduos, na qual a emancipação crítica é um caminho para a libertação das amarras coloniais impregnadas em nossa sociedade.

Em uma experiência mais recente, pude atuar em um território no qual me sinto pertencida, como artista-educadora do PIÁ no território do Capão Redondo. Nesse ambiente, fui impactada de diversas maneiras pelas possibilidades de praticar uma educação horizontalizada, na qual os afetos e a liberdade para ser e existir eram pautadas cotidianamente durante os encontros com as crianças participantes.

O PIÁ é um programa gratuito voltado para as infâncias que tem como princípio a iniciação artística de crianças e jovens de seis a treze anos. Ele acontece anualmente há quatorze anos no município de São Paulo e tem atuado principalmente nas periferias e extremos da capital, dentro de Casas de Cultura, nos Centros de Educação Unificado (CEU) e outros equipamentos parceiros como os Centros para Crianças e Adolescentes (CCA). Nesse contexto, os pilares de desenvolvimento das propostas baseiam-se na infancialização⁵, na territorialidade e identidade em diálogo com distintas linguagens artísticas.

Nessa conjuntura, o desenvolvimento desse processo educativo foi essencialmente afetivo. O PIÁ representa um espaço onde as crianças exercem o direito de brincar, um direito frequentemente negado até mesmo no ensino fundamental em escolas regulares. Além disso, tornou-se um porto seguro para os jovens, que encontraram em nossos encontros um lugar para compartilhar suas experiências e aspirações. As conversas abordavam temas tão amplos que me vi adotando o papel de educadora social. A construção de uma comunidade pedagógica foi fortalecida pelas propostas lúdicas que eu apresentava, bem como pelas contribuições das crianças, uma vez que nossos encontros eram conduzidos de maneira coletiva.

A partir das reflexões sobre imagens, identidade e memória, desenvolvi dentro da comunidade pedagógica do PIÁ processos que exploravam a apropriação de fotografias afetivas, histórias orais e atividades lúdicas como elementos-chave da prática educativa.

⁵ Conceito de Renato Nogueira que tem um pressuposto afroperspectivista. Posiciona a infância enquanto maneira de perceber as possibilidades de invenção de outros modos de vida, na qual as experiências das crianças não são subjugadas por paradigmas adultocentristas como tem acontecido historicamente em nossa sociedade.

Utilizei o brincar e a prática artística como ferramentas para refletir sobre o poder de ressignificação de narrativas pelas crianças.

No próximo tópico, detalharei o processo de criação de um Livro de Memórias como materialização dos temas discutidos até o momento.

2.3 Contando histórias através de imagens: Da perspectiva das infâncias do PIÁ- Programa de Iniciação Artística

Este tópico descreve uma proposta artístico-pedagógica desenvolvida junto a crianças de seis a dez anos durante minha atuação no Programa PIÁ. Antes de apresentar essa prática, é crucial ressaltar os desdobramentos anteriores que a impulsionaram. Durante uma formação, ministrei uma oficina de bordado em fotografias para artistas educadores do PIÁ (IMAGEM 2), uma oportunidade para compartilhar processos ao longo de uma semana de capacitação. Essa formação foi uma prévia da proposta que mais tarde seria desenvolvida com as crianças e jovens participantes.

Nessa formação, expus meu trabalho com fotografias afetivas e arquivos pessoais a outros educadores, em um contexto periférico onde a troca e reflexões sobre nossas histórias de vida e sua relação com arte-educação provocaram diálogos pautados pela memória. Inicialmente, o encontro se deu com o compartilhamento de reflexões provenientes do meu arquivo pessoal familiar, analisando suas contribuições para a construção de minha identidade como mulher negra. Solicitei que os participantes trouxessem suas próprias fotografias autobiográficas para a oficina. As reflexões iniciais foram introduzidas para guiar o próximo passo, que consistiu em bordar essas fotos livremente, utilizando o bordado como um meio de intervenção nas imagens. Durante a prática, introduzi o jogo do “me lembra”, uma dinâmica baseada em palavras que levam a outras palavras. Por exemplo, a partir da palavra “família”, a próxima pessoa diz qual palavra surge em sua memória partindo desse tema, e a dinâmica segue com base nas palavras que surgem.

Durante a prática do bordado, muitas conexões surgiram enquanto o jogo acontecia. Um grupo de adultos, todos artistas educadores, transformou palavras em narrativas que remetiam às suas histórias guardadas na memória. Uma palavra como “saudades” despertava a lembrança de “pai”, trazendo à tona uma história de infância que nos transportava para outros lugares. Mesmo sem experiência prévia em bordado, as participantes conseguiram realizar a proposta com sucesso. O objetivo não era criar obras de arte para exposição, mas sim explorar, por meio das imagens e diálogos, nossas memórias mais antigas e fragmentos de nossas histórias. De maneira que elas fossem consideradas válidas e necessárias de serem contadas, traçando parâmetros de identificação, indo além do que a narrativa oficial estabelece como lembrança prioritária.

Nesse contexto, a formação explorou maneiras de relacionar histórias de vida na arte-educação, visando imaginar novas narrativas.

Imagem 2: Formação “Histórias de Vida e outras narrativas para imaginar a Arte-educação”. Ministrada para artistas educadores do PIÁ, durante a 2ª Semana de Formação do Programa de Iniciação Artística. São Paulo, 2023.



Fonte: Acervo pessoal. Foto de Barbara Santos.

Partindo desse ponto, a proposta compartilhada com as crianças foi desenvolvida gradualmente ao longo dos encontros com as turmas. Tornou-se um hábito contar histórias durante nossos encontros, frequentemente trazendo à tona narrativas compartilhadas por meus pais e minha tia avó Nice. Muitas dessas histórias eram fábulas nordestinas, como a lenda da cobra preta que mama, o conto do Chupa-Cabra, e outras similares. Em todas as ocasiões sempre enfatizava para as crianças que eram contos transmitidos por meus parentes mais velhos, vivências de contextos diferentes dos nossos passadas entre gerações.

A contação de histórias partilhava, de maneira lúdica, características da cultura popular ligadas à minha história de vida. Após um tempo ouvindo minhas narrativas, as crianças expressaram o desejo de contar suas próprias histórias durante os encontros, e eu

cedia espaço para que pudessem fazê-lo. As narrativas delas surgiam da imaginação, misturando ficção com desenhos animados e vestígios das fábulas transmitidas por seus pais e avós.

Essa introdução permitiu que as crianças se aprofundassem cada vez mais em suas histórias de vida. Nesse sentido, as fotografias se tornaram um dos principais elementos que perpassavam as memórias presentes em suas vidas. Considerando isso e a participação das famílias na prática artístico-pedagógica, solicitei aos responsáveis que enviassem fotografias autobiográficas, impressas ou digitais, representativas da história de vida das crianças e de suas famílias, para a construção do livro de memórias. Levando em conta que nem todas as famílias possuíam álbuns ou fotografias antigas, incluí retratos das crianças tirados durante nossos encontros, garantindo que todas pudessem participar da atividade e se sentissem representadas através das imagens

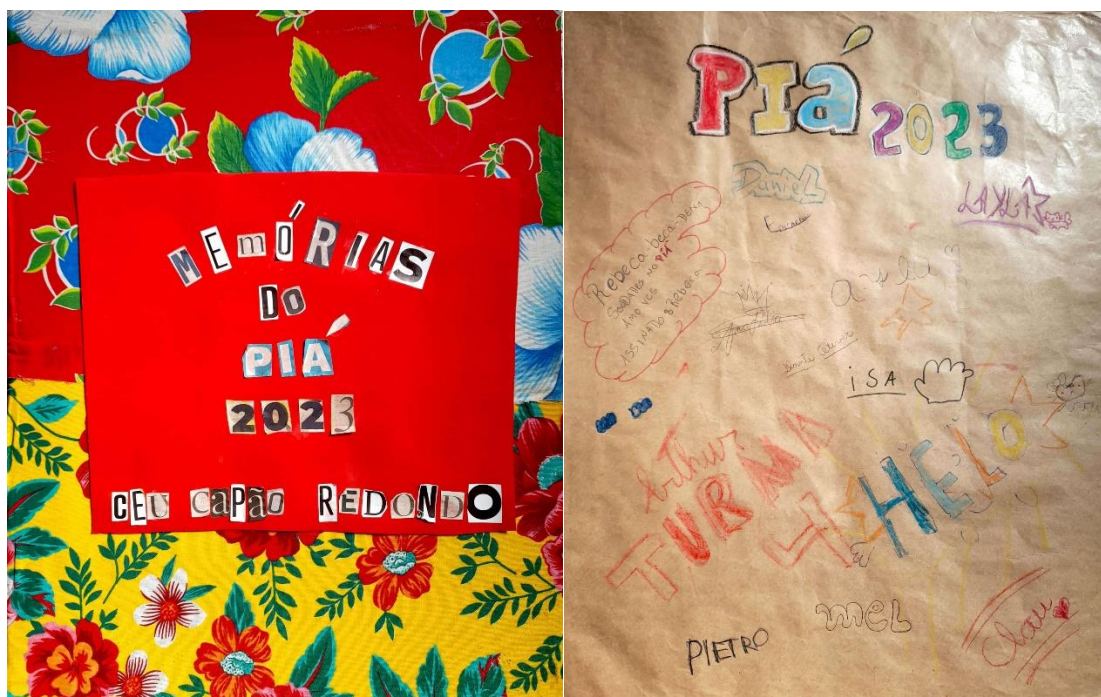
Além disso, muitas dessas pessoas não possuíam fotos impressas ou álbuns de família, como era comum antigamente, devido ao costume contemporâneo de armazenar fotos em drives e nuvens⁶. Por isso, decidi financiar a impressão das fotografias, pois o objetivo era apropriar-se da materialidade dessas imagens em um processo de criação visual. As crianças mostraram-se entusiasmadas ao ter contato pela primeira vez com uma fotografia impressa delas e de suas famílias, o que tornou o processo muito enriquecedor. Uma das alunas, Laura (nome fictício), de sete anos, ao ter contato com as fotos suas e de sua família em papel fotográfico, sentiu uma conexão tão profunda que preferiu não as integrar ao livro, optando por guardá-las para si, e eu respeitei essa decisão. Isso me fez refletir sobre a importância da imagem enquanto materialidade física, um objeto visual que armazena memórias de pessoas e cenários, permitindo estabelecer relações afetivas e identitárias. Laura, uma menina negra, provavelmente teve contato limitado com fotografias impressas. Apesar de conhecer as mesmas imagens "dentro" de um aparelho celular, pôde perceber o efeito distinto que uma fotografia material provoca. Isso expõe a relevância desse trabalho ao incentivar a apropriação de registros afetivos em processos de reconhecimento, servindo como disparador para criação artística.

Sendo assim, a proposta de construir um livro de memórias do PIÁ 2023 foi acolhida pelas crianças e famílias que faziam parte dessa comunidade pedagógica.

⁶ Um sistema de arquivos em nuvem é tecnologia de armazenamento que fornece acesso compartilhado aos dados dos arquivos. Permitindo criar, excluir, modificar, adicionar fotos e outros documentos, bem como organizá-los em pastas para oferecer um acesso intuitivo.

Utilizamos papelão, retalhos de tecido, papel kraft, imagens, letras de revistas, além de fotos afetivas e outros adereços para decoração na sua elaboração (IMAGEM 3). A atividade se estendeu por vários encontros, nos quais as turmas se organizaram para preencher as páginas de acordo com sua criatividade. Destaquei durante o processo que as crianças tinham liberdade para recortar, desenhar sobre as fotos e intervir de várias formas nos registros, incentivando uma construção coletiva que entrelaçava os retratos com suas narrativas criativas.

Imagem 3. Capa e primeira folha do Livro de Memórias do PIÁ 2023 – CEU Capão Redondo.



Fonte: Acervo pessoal⁷. Foto da autora.

Tão relevante quanto o aspecto visual na construção do livro foram as discussões que surgiram ao longo das semanas. Paralelamente à atividade, criamos um mural com algumas perguntas, onde as crianças podiam escrever suas respostas relacionadas às suas trajetórias. As perguntas eram variadas: Qual é o seu nome? Onde você nasceu? Quem escolheu o seu nome? Como você prefere ser chamado? Qual é a sua memória mais antiga? Essas perguntas estimulavam reflexões aprofundadas, relacionando identidades, o contexto de nascimento e outras memórias desencadeadas ao relembrar suas histórias

⁷ Livro feito manualmente. Tamanho do objeto 50cmx60cm. Papelão, retalhos de tecido, papel kraft e colagens.

de vida. A partir disso, emergiram diversas histórias compartilhando memórias da perspectiva das infâncias. Antes de utilizarmos as fotografias na construção do livro, organizamos rodas de conversa em que as crianças compartilharam as histórias por trás das imagens (IMAGEM 4). Elas mencionaram lembranças de passeios com suas famílias, pratos afetuosos feitos por suas avós, brincadeiras marcantes durante o tempo no PIÁ, pessoas que partiram e agora são lembradas com saudades, desencadeando uma infinidade de relatos inspirados pelas fotografias.

Imagem 4. Registro de compartilhamento durante encontro com turma do PIÁ. São Paulo, 2023.



Fonte: Acervo pessoal. Foto de Daniel Langer.

Diante da riqueza das experiências vivenciadas durante a construção do livro de memórias, é inegável a relevância do processo de produção material, mas também das reflexões e diálogos que emergiram desse exercício coletivo. Ao entrelaçar o passado com o presente das crianças, as imagens não só desencadearam lembranças específicas, mas aguçaram uma consciência mais profunda sobre suas próprias histórias. A iniciativa de compartilhar e discutir memórias através das perguntas disparadoras proporcionou um espaço potencialmente valioso para a expressão das identidades e conexões afetivas. Essa abordagem fortaleceu a criação do livro, destacando a importância de valorizar múltiplas

narrativas individuais que compõem a rica trama das memórias coletivas da comunidade pedagógica do PIÁ e da tessitura sociocultural de nossa sociedade.

O livro de memórias que construímos de maneira colaborativa, é um arquivo vivo e nele contém a impressão das crianças sobre o mundo a partir de suas perspectivas. O princípio da infancialização é determinante para reposicionar as infâncias como modo de vida pensante e atuante em nossa sociedade. Renato Nogueira, ao introduzir esse conceito, apresenta uma visão positiva da infância, contrastando com a ideia usual de infantilização associada à imaturidade. Ele percebe a fase da infância como um estado que amplia a humanidade e a criatividade do ser humano. Para ele, "infancializar" é enxergar na infância um espaço propício para a criação de novos modos de vida (NOGUEIRA e BARRETO, 2018). Essa abordagem ressalta a importância de manter vivo em nós um espírito infantil, caracterizado pela abertura a novas possibilidades, pela disposição em questionar certezas estabelecidas e pelo cultivo da curiosidade tanto sobre nós mesmos quanto sobre o mundo ao nosso redor.

Diante da tessitura emocional e intelectual estabelecida ao entrelaçar memórias, a produção do livro transcende o ato de meramente reunir imagens e palavras, destacando-se como um relicário de histórias singulares e coletivas. As imagens não são apenas gatilhos de lembranças, elas se transformam em janelas para uma compreensão mais profunda e uma conexão com as próprias histórias das crianças. As conversas entremeadas abriram um portal para a expressão das identidades e afetos, desvelando caminhos de reflexão e conexão intrínseca com as narrativas da infância. O livro, como um todo, tornou-se um santuário de narrativas, ecoando a premissa da infancialização como um chamado incessante à preservação do olhar deslumbrado da infância, fonte inesgotável de imaginação, curiosidade e reinvenção perpétua.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os desdobramentos artísticos-pedagógicos destacados neste trabalho evidenciaram a condição multifacetada das imagens em nossas vidas. Na arte-educação, a imagem é um elemento incondicional para o desenvolvimento de uma compreensão crítica do mundo que nos rodeia, visto que elas estão constantemente presentes em nosso cotidiano adotando aspectos distintos de manifestação. A contribuição de Ana Mae Barbosa sobre a importância do estudo da leitura de imagem na arte-educação é essencial para fundamentar os conceitos que relacionam a pessoa espectadora com a interpretação de composições visuais.

Para além de leitura de obras de artes ou de propagandas publicitárias, a leitura de imagem repercute também na maneira que nos relacionamos com arquivos familiares e fotografias afetivas. Partindo desse ponto, em resumo pode-se concluir que a leitura de imagens em processos de ensino-aprendizagem é essencial, não só como habilidade para vida cotidiana, mas compressão de outros sentidos da imagem e da fotografia. Com isso, é possível exercitar o olhar em contato com fotos afetivas, direcionando o entendimento de noções socioculturais e identitárias presentes nesses registros.

Trazer a perspectiva de uma arte-educadora racializada em formação para este trabalho, foi um desafio que se fez necessário diante da complexidade contida na discussão que permeia a abordagem da experiência na educação. Ao compartilhar minhas percepções em diferentes contextos educacionais, busco relacionar as condições que vivenciei enquanto aprendiz em constante formação, distante da posição de detentora única de conhecimento, e adotando uma postura horizontal na relação entre professor e aluno. Nesse sentido, posiciono-me como aprendiz, ciente das trocas contínuas estabelecidas entre crianças, jovens e adultos, reconhecendo a natureza coletiva do processo de aprender e ensinar. Essa abordagem, alinhada ao conceito de "se reconhecer no outro" de Beatriz Nascimento, destaca a importância da identidade, da valorização das diversas narrativas e da construção de relações baseadas na troca mútua de conhecimento e experiências.

Considerando os pontos abordados anteriormente, destaca-se a relevância da valorização das múltiplas narrativas individuais presentes na construção do livro de memórias do PIÁ 2023. O processo envolveu a produção material, promoveu discussões profundas sobre identidade, memória e a importância das imagens como disparadoras de reflexões significativas para as crianças.

Ao longo dos encontros, a liberdade dada às crianças para intervir nas fotos e preencher as páginas do livro revelou-se uma maneira de promover uma construção criativa coletiva. Além disso, as discussões em torno das perguntas disparadoras, relacionando identidades e memórias pessoais, estimularam a reflexão e o compartilhamento de experiências, evidenciando o potencial das imagens para despertar lembranças e histórias afetivas.

O envolvimento das famílias, especialmente na contribuição com fotografias autobiográficas, trouxe à tona a diversidade de vivências e a importância de considerar diferentes contextos familiares na narrativa individual de cada criança. Isso enfatiza a necessidade de valorizar essas experiências como parte fundamental do processo educativo.

Por fim, o diálogo estabelecido entre as imagens e as histórias compartilhadas pelas crianças durante as rodas de conversa reforça a riqueza presente nas memórias infantis, mostrando como as fotografias serviram como portas de entrada para uma jornada de autoconhecimento, expressão e reconhecimento de suas identidades dentro da comunidade pedagógica do PIÁ.

No contexto da infancialização, a conexão entre passado, presente e futuro se torna uma trama repleta de camadas. As infâncias, ao serem compreendidas como agentes ativos na construção de narrativas, carregam consigo as vivências do presente, os legados do passado e as possibilidades do amanhã. Essa intersecção temporal oferece um horizonte fértil para a reconstrução das histórias, com relatos individuais como fragmentos de um mosaico coletivo. O conceito de infancialização, ao ampliar o olhar sobre a infância como um período propulsor de criatividade e protagonismo, estabelece uma ponte entre as experiências passadas que moldam as identidades e as projeções futuras que são imaginadas, delineando um caminho onde as infâncias são parte vital na tessitura dos fios que compõem nossa sociedade.

Dessa forma, reconhecer o protagonismo das infâncias na trama entre passado, presente e futuro é dar espaços as suas vozes e vivências, abrindo caminhos para novas possibilidades e horizontes que se desdobram a partir do tecido histórico, social e cultural que as permeia.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte**. 4. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2008.

BARBOSA, Ana Mae (org.). **A imagem no ensino da Arte**. 4. ed. 2. tiragem. São Paulo: Perspectiva, 2001.

CARNEIRO, Jéssica de Souza. **Fotografia e memória autobiográfica no Facebook: narrativas de si mediadas pela imagem**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

COSTA, Rodrigo Lopes. **Álbum De Família Na Arte/educação: Matéria De Ficção**. Dissertação (Mestrado em Arte/Educação) - Instituto de Artes da Unesp, São Paulo, 2022.

EVARISTO, Conceição. **Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de minha escrita**. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org). Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza, 2007.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

NOGUERA, Renato; BARRETO, Marcos. **Infancialização, ubuntu e teko porã: elementos gerais para educação e ética afroperspectivistas**. child.philo, Rio de Janeiro, v. 14, n. 31, p. 625-644, set. 2018. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-59872018000300625&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 28 out. 2023. Epub 17-Maio-2019. <https://doi.org/10.12957/childphilo.2018.36200>.

NOGUERA, Renato. **"Kiriku: heterônimo da infância como experiência e da experiência da infância"** In: Anais do Congresso de Estudos da Infância. Rio de Janeiro, 2017.

ORÍ. Documentário. Direção de Raquel Gerber. Pesquisa e narração de Maria Beatriz Nascimento. Duração 93min. Ano: 1989. São Paulo.